

“E/Imigrações e Refúgios”

Entrevista com **Prof. Dr. Fernando de Sousa**

Por Ismênia de Lima Martins - Professora Emérita/UFF

Fernando de Sousa é natural do concelho de Vila Nova de Gaia, onde nasceu em 1942. Em 1971 concluiu o Curso de Ciências Pedagógicas da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e em 1973, a Licenciatura em História, na mesma instituição, obtendo nesse ano a mais alta classificação. Em 1980, doutorou-se em História Económica e Social com o tema *A População Portuguesa nos Inícios do Século XIX*, e em 1984 tornou-se Professor Catedrático de História Económica e Social daquela Faculdade. Ali, entre 1984 e 1990, coordenou o Mestrado em História Contemporânea. Na década de 1990, passou a coordenar o departamento de Relações Internacionais da Universidade Lusíada do Porto, incluindo os seus programas de licenciatura, mestrado e doutorado.

É membro de diversas associações científicas nas áreas da História Económica e Demografia Histórica e integra o conselho editorial de vários periódicos. Desde 1990, é presidente do CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade da Universidade do Porto (Universidade do Porto) e, desde 1996, coordenador da unidade de investigação com o mesmo nome. Seu currículo registra mais de 70 orientações, entre mestrado e doutorado, e um conjunto de publicações que ultrapassa as 160, entre artigos e livros científicos, nas áreas da Demografia Histórica, História Empresarial e Institucional e História da Emigração Portuguesa, maioritariamente na Época Contemporânea.

A dedicação do Professor à docência foi acompanhada por uma intensa atividade cívica e política, com destaque para sua atuação como deputado à Assembleia da República, entre 1983-1985 e 1991-1999, onde presidiu as Comissões Parlamentares da História do Parlamento e do Património, tendo, ainda, representado a Assembleia da República em diversas missões pelo mundo. Paralelamente, foi membro da Assembleia do Atlântico Norte (1983-1986 e 1991-2000) e relator da sua Comissão de Educação e Cultura nos anos de 1984-1985, presidente da IX Conferência Interparlamentar EUREKA (1997-1998), vice-presidente da Fundação Hispano-Lusa Rei Afonso Henriques e presidente da Assembleia Geral do Centro Português para a Cooperação (CPPC),

Tal conjunto de atividades, no entanto, não o afastou do seu interesse pela investigação científica. No âmbito do CEPESE, coordenou os projetos de pesquisa *Emigração do Norte de Portugal para o Brasil* (2005-2008) e *A Emigração de Portugal para o Brasil. Dinâmicas Demográficas e Discurso Político* (2011-2013), ambos financiados pela Fundação para a Ciência e a

Tecnologia (FCT), dos quais resultaram diversas publicações, mais de uma dezena de seminários internacionais e uma base de dados *online*, da qual consta a identificação de mais de 400 000 emigrantes do Norte de Portugal para o Brasil. Foi também o grande impulsionador da Rede de Investigação sobre Emigração entre a Europa do Sul e a América do Sul (REMESSAS), da qual fazem parte 12 instituições portuguesas, brasileiras, espanholas e italianas.

Fernando de Sousa tornou-se no Brasil o principal interlocutor do tema das migrações portuguesas, o que lhe valeu várias homenagens, inclusive, o Colar de Mérito da Universidade Federal Fluminense e a Ordem de Mérito (Grão-Oficial) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Em 2005, estabeleceu um convênio com a Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa (FAPERJ), a fim de promover maior cooperação entre os especialistas lusos e brasileiros, tendo como coordenadora, do lado brasileiro, a Professora Dra. Ismênia de Lima Martins. Tal iniciativa resultou na realização de seminários internacionais anuais e na publicação de diversos livros. Em 2017, juntou-se a Ismênia Martins para o lançamento da base de dados *Estrangeiros no Brasil*, disponível no *site* do Arquivo Nacional.

Atualmente, o Professor Fernando de Sousa mantém-se ativamente na direção do CEPSE, onde coordena diversos projetos de investigação, entre os quais, *Chefes de Governo e Primeiros-Ministros de Portugal (1821-2016)*, *História da Contabilidade em Portugal e Bragança. Das Origens a 1820*.

Metaxy: *Sua formação acadêmica privilegia a História Econômica e a Demografia Histórica, que se firmava como ramo da História entre as décadas de 1960 e 1970, época da sua graduação; o que o levou a esses campos de pesquisa e quais foram suas referências historiográficas no campo da Demografia?*

Fernando de Souza: A minha preferência pela História da População e Demografia Histórica teve em consideração duas realidades principais. A primeira é que nessa área da História, com exceção do trabalho apresentado pouco antes pelo professor Manuel Nazareth, não havia nenhuma tese de doutoramento em Portugal. A segunda teve a ver com a descoberta dos recenseamentos inéditos da população portuguesa em 1801 e 1802, que se encontravam no Arquivo da Assembleia da República e que até então nunca tinha sido trabalhados. Neste domínio, tive em consideração quer a Escola Francesa (Jacques Dupâquier), quer o *Cambridge Group for the History of Population and Social Structure*, onde pontificavam os professores Peter Laslett e Tony Wrigley, professores que conheci pessoalmente e com quem trabalhei. Em Portugal, como orientadores dos meus estudos sobre população portuguesa, tive os professores Vitorino Magalhães Godinho e A. H. de Oliveira Marques, duas importantíssimas referências no domínio da História Económica e Social.

Metaxy: *Segundo Marc Bloch, em Apologia da História, questões do presente orientam a investigação do passado. O senhor defendeu sua tese doutora, em 1980, época em que Portugal vivia sua redemocratização. Como aquele momento histórico o levou à escolha do tema da mobilidade da população portuguesa no início do século XIX?*

Fernando de Souza: Até 1974, a História Contemporânea, nomeadamente o século XIX, não era praticamente ensinada em Portugal, devido ao regime de ditadura em que se vivia, pelo que entendi que a minha tese poderia dar um contributo significativo para o conhecimento económico e demográfico desta época, extremamente deficitário.

Metaxy: *O estudo das Relações Internacionais, também, tem sido uma grande preocupação sua, inclusive, o senhor foi diversas vezes representante da Assembleia portuguesa em missões internacionais. O que destacaria em sua atuação diplomática?*

Fernando de Souza: Foi efetivamente o desempenho de cargos políticos, a partir da década de 1980, nomeadamente como deputado ao Parlamento português, que me levou para o estudo das Relações Internacionais. Neste âmbito, destacaria a atenção que dediquei aos programas internacionais de ciência, nomeadamente ao Programa Europeu *Eureka*, de investigação e desenvolvimento, cuja Conferência Interparlamentar presidi em junho de 1998.

Metaxy: *Como o senhor relaciona suas atividades acadêmicas e sua atuação política? Poderia nos falar sobre sua experiência como deputado à Assembleia da República? Em 1984, o senhor foi relator da Assembleia do Atlântico Norte. Quais foram suas preocupações naquele plenário?*

Fernando de Souza: Enquanto membro da Assembleia do Atlântico Norte (NATO), onde permaneci durante mais de doze anos, tive oportunidade de, no âmbito deste órgão, desempenhar várias funções de natureza cultural e económica, tendo sido relator da Comissão de Civic Affairs. E enquanto deputado à Assembleia da República durante doze anos, tive o privilégio de ver como é que funcionava o Estado português, passando assim a ter uma visão global dos problemas que afetavam o País. Por outro lado, desenvolvi as funções de coordenador da Comissão de Educação, Ciência e Cultura, integrei a Comissão de Defesa, e fui presidente da Comissão para Valorização do Património da Assembleia da República. Neste âmbito, lancei a coleção *Parlamento*, que hoje conta com dezenas de volumes, com estudos sobre a história das diversas câmaras parlamentares desde 1821 e as suas principais figuras. Torna-se, portanto, evidente, a estreita relação que procurei estabelecer entre as minhas preocupações científicas e a atuação política que desenvolvi.

Metaxy: *Desde 1990, o senhor preside o CEPES (Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade). Poderia nos falar sobre a fundação desse Centro? Além das questões relacionadas à investigação científica, o CEPES poderia ser entendido como a expressão de uma preocupação política sua?*

Fernando de Souza: A criação do CEPES prende-se com a decisão tomada pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 1986, de extinguir o Núcleo de Sociologia Histórica

que funcionava no seu Instituto de Ciência, propondo-nos a criação de um centro interuniversitário dedicado ao estudo dos problemas da população e da família, que coordenasse os investigadores dedicados a esta questão nas universidades portuguesas. Numa ótica de descentralização, decidiu-se sediar esse Centro no Porto, tendo eu sido mandatado para reunir com o reitor da Universidade do Porto, Alberto Amaral, no sentido de se obter a aprovação deste projeto e encontrar instalações próprias, o que veio a acontecer, cedendo a Universidade as instalações que ainda hoje ocupamos, no seu *campus*, na Rua do Campo Alegre, n.º 1021. O novo Centro, designado originalmente por CEPFAM – Centro de Estudos da População e Família, veio a ser formalmente constituído em 1990, tendo como sócios fundadores a Universidade do Porto e Fundação Eng. António de Almeida, precisamente para fomentar a articulação entre a academia e a sociedade civil.

Em 1996, passou a acolher uma Unidade de Investigação, tutelada pela atual FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, e em 1998, de forma a adaptar-se aos interesses científicos dos seus investigadores, alterou a sua designação para CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade. Desde então, o CEPESE não mais parou de crescer, acolhendo, neste momento, mais de uma centena de investigadores doutorados. Nas últimas duas décadas, desenvolveu perto de trinta projetos de investigação, realizou numerosos seminários nacionais e internacionais e apoiou centenas de publicações científicas, entre livros e artigos em revistas nacionais e estrangeiras.

Quanto à segunda parte da questão, as áreas científicas que estão na base da criação do CEPESE sempre me ocuparam, científica e politicamente. De resto, é meu entendimento que a ciência e a política se devem relacionar, no sentido em que ambas são indissociáveis (ou devem sê-lo) do interesse público, das preocupações da sociedade. Analisar questões como a demografia, numa fase em que Portugal não consegue assegurar a substituição de gerações; os ciclos migratórios, afirmando-se Portugal, ao longo da sua história, ora como País emissor – condição mais frequente –, ora como País recetor; ou as relações externas portuguesas num mundo cada vez mais global, lançando sobre todos estes temas uma perspetiva histórica e beneficiando da interdisciplinaridade que um Centro como o CEPESE permite, parece-me fundamental. Da mesma forma, os decisores políticos e outros atores devem estar atentos aos contributos que a ciência pode dar, isentos da carga ideológica que por vezes contamina algumas decisões políticas, e tendo como única preocupação o rigor e a cientificidade. E sim, reconheço que tendo estado dos dois lados da “barricada”, como político e como investigador, talvez tenha adquirido uma maior sensibilidade para a necessidade dessa colaboração e para pertinência de alguns temas em detrimento de outros, e por isso procuro que os projetos que desenvolvo tenham sempre uma utilidade social evidente.

Metaxy: *A base de dados do CEPESE sobre a emigração do norte de Portugal para o Brasil contempla, até o presente, dados acerca de 400 000 emigrantes. Como foi o processo de montagem dessa base? O projeto contou apenas com historiadores ou houve uma ação interdisciplinar?*

Fernando de Souza: A ideia dessa base de dados nasceu quando tive oportunidade de inventariar, com outros investigadores, o fundo do Governo Civil do Porto, hoje no Arquivo Distrital do Porto. Nesse contexto, deparei-me com um impressionante manancial de documentação relativa aos portugueses que partiam para o estrangeiro, maioritariamente para o Brasil, uma vez que era ao Governo Civil que competia a

emissão de passaportes. Ora, a forma mais fácil de divulgar essa informação, tendo em conta o seu volume, era através da constituição de uma base de dados digital e *online*. Constituí então, em 2004, uma equipa interdisciplinar, maioritariamente constituída por historiadores, mas também com investigadores de áreas como as relações internacionais, a sociologia e demografia históricas e, claro, da área da informática e das tecnologias de informação, de forma a criar uma base tecnicamente irrepreensível e que servisse os interesses de ambas as partes – dos investigadores que pretendiam aceder a esses dados para a produção de estudos, e dos portugueses e brasileiros interessados em conhecer as suas origens.

Metaxy: *Os dados apurados confirmaram as impressões tradicionais sobre o fenómeno migratório para o Brasil ou desconstruíram tais impressões? De outro modo, a dinâmica emigratória corresponde ao discurso político sobre a emigração portuguesa?*

Fernando de Souza: Julgo que o mais importante é o facto de que tais impressões podem, finalmente, ser sustentadas (ou invalidadas) com dados concretos. Numa perspectiva geral, confirmaram-se várias dessas impressões – o Brasil como destino preferencial durante largas décadas, representando mais de 98% do total; um volume de emigrantes saídos de Portugal que, até a Segunda Guerra Mundial, ultrapassa, quanto ao Brasil, o número de emigrantes saídos de qualquer outro País europeu; um contingente composto maioritariamente por jovens adultos do sexo masculino e de baixos estratos socioeconómicos; o pico da emigração após a implantação da República portuguesa em 1910 e a queda abrupta da emigração durante a Grande Guerra, etc. O que os dados obtidos permitem é uma leitura muito mais específica, através da combinação dos diferentes dados recolhidos. Agora podemos saber, por exemplo, quantas mulheres do concelho de Vila Nova de Gaia viajaram para São Paulo em 1912, qual a sua idade média e a sua ocupação profissional, quantas iam sozinhas e quantas acompanhadas e por quem. Elementos de análise muito mais ricos dos que as estatísticas oficiais, que têm uma preocupação exclusivamente quantitativa, como sabemos.

No tocante ao discurso político em Portugal em torno da emigração, este foi quase sempre ambivalente. Ao mesmo tempo que denunciava a sangria da população, reconhecia a importância económica das remessas. Desse ponto de vista, podemos dizer que os dados obtidos confirmam a principal afirmação enunciada nesse discurso: quem mais emigrava era quem maior potencial tinha para o desenvolvimento económico de Portugal. Mas também permitem confirmar que as medidas preconizadas para desviar a emigração do Brasil para as colónias portuguesas em África falharam redondamente, como falhou a legislação que procurou diminuir o contingente migratório. Podemos atentar em casos mais localizados no tempo: só a título de exemplo, à medida que a Primeira Guerra Mundial aumenta a sua intensidade, o contingente de adolescentes que rumam ao Brasil aumenta exponencialmente, de forma a escaparem ao ingresso no Exército. Essa questão, denunciada no discurso político, correspondia de facto à realidade. Agora, se a emigração correspondia a um “cancro”, como foi tantas vezes descrito, a um verdadeiro êxodo de gente com impacto na nossa demografia, aí a realidade afasta-se do discurso, pois não há nenhuma evidência desse impacto. Os números da emigração, sendo importantes, não são em dimensão suficiente para ter as consequências denunciadas nas câmaras do Parlamento e na imprensa, a não ser em casos muito específicos, de pequenas aldeias no

interior de Portugal que se despovoaram. Mas como os nossos dados também demonstram, boa parte dessa gente havia já migrado internamente, das suas regiões de origem para o litoral, sendo esse êxodo rural tanto ou mais significativo (consoante o período em análise) do que a emigração para o Brasil.

Metaxy: *Como o senhor avalia o impacto da base de dados do CEPESSE para a historiografia portuguesa da e/imigração?*

Fernando de Souza: Atrevo-me a dizer que a base de dados, mas mais do que isso, o projeto em torno do qual ela se desenvolveu, revolucionou a historiografia portuguesa da e/imigração. À data do arranque desse projeto, tratava-se de uma área da História praticamente estagnada. Desde o excelente trabalho do meu colega e antigo aluno Jorge Alves, em 1994, pouco ou nada se produziu de relevante ou inovador. Ora, este projeto do CEPESSE, que arrancou por volta de 2004, está na origem de mais de duas centenas de estudos, uns de natureza mais quantitativa, outros com um carácter qualitativo; macroanálises e estudos de caso; com diferentes abordagens e cruzando diversas disciplinas e áreas de saber; muitos, resultantes do trabalho conjunto de investigadores portugueses e brasileiros, combinando dados e fontes obtidos dos dois lados do Atlântico. Foi assim constituído um *corpus* sem paralelo no que à historiografia da emigração portuguesa no Brasil diz respeito, e que se encontra disponível para consulta gratuita na Internet, num portal que criámos especificamente para o efeito, o REMESSAS – Rede de Emigração Europa do Sul / América do Sul, que integra mais de uma dezena de instituições, e onde estão também disponíveis bases de dados e outros recursos relacionados com este tema.

Metaxy: *Ao longo da última década foram realizados diversos seminários envolvendo especialistas lusos e brasileiros sobre o tema da e/imigração portuguesa. Uma das questões que emergiram desses encontros é o de pensar o fenómeno imigratório para o período anterior à grande imigração 1880-1915. Como o senhor vê essa questão?*

Fernando de Souza: Parece-me da maior relevância pensar o fenómeno imigratório num tempo longo, essa é única forma de se detetarem e explicarem linhas de força e de divergência. No caso particular do Brasil, falta uma análise que comece numa fase pré-Independência, quando ainda lidamos com colonos, e não emigrantes propriamente ditos, e se estenda até o presente, lançando essa perspectiva abrangente e diacrónica, bem suportada em fontes fidedignas, embora as dificuldades quanto a esta matéria se avolumem à medida que recuamos no tempo. Como sempre acontece em História, não podemos entender um dado fenómeno sem perceber o contexto e os factos prévios que o enformam. No caso em apreço, essa grande emigração surge necessariamente por comparação com uma emigração de menor dimensão, sendo necessário perceber a razão por detrás desse reduzido contingente. A História não é uma sucessão de momentos isolados no tempo, antes tem por objetivo – escreveu Benedetto Croce –, manter viva a consciência que a sociedade tem do próprio passado, ou melhor, do seu presente, ou melhor, de si mesmo.

Metaxy: *Como país exportador de imigrantes, Portugal produziu uma quantidade extraordinária de luso-descendentes que nem sempre privilegiaram a nacionalidade portuguesa como um valor. No Brasil, por exemplo, ser filho de português não era algo*

valorizado. Em que momento se deu essa mudança paradigmática em relação à nacionalidade portuguesa?

Fernando de Souza: Não sei se é possível identificar um momento preciso em que essa mudança ocorreu, mas é certo que ela não se prende apenas com a vontade de conhecer as origens e a sua herança cultural, mas também, e em boa medida, com a necessidade económica. A mesma necessidade que motivou os portugueses, durante largas décadas, a partir para o Brasil, motiva agora os luso-descendentes radicados no Brasil a procurarem os seus antepassados visando à obtenção da cidadania portuguesa. Os acessos à nossa base de dados dizem-nos isso mesmo. À medida que a crise económica do Brasil se vem agravando, os pedidos por processos de passaporte vêm subindo exponencialmente, e todos os dias recebemos solicitações, não só dos próprios, mas de advogados e de gabinetes de apoio que hoje existem para fazer esse trabalho, admitindo abertamente, uns e outros, que esses documentos servirão para suportar os respetivos processos de aquisição da nacionalidade, por via dos seus ascendentes, ao abrigo da lei portuguesa. Enfim, todos nós regressamos às origens quando as nossas preocupações culturais aumentam e/ou a nossa situação económica incentiva essa pesquisa.

Metaxy: *A propósito, como a sociedade portuguesa vê a transformação de Portugal numa sociedade receptora de imigrantes, sobretudo brasileiros luso-descendentes? Já existem dados sobre esses imigrantes?*

Fernando de Souza: Sim, esses dados estão disponíveis no Observatório das Migrações. Em síntese, os brasileiros constituem, destacadamente, a maior comunidade estrangeira no país, com mais de 80 mil residentes. Os alunos brasileiros constituem o maior contingente de estrangeiros matriculados no ensino básico e secundário em Portugal, representando mais de 26% do total de alunos estrangeiros. No ensino superior, constituem também o maior contingente, representando 29% do total de diplomados estrangeiros. Curiosamente, das principais comunidades estrangeiras residentes em Portugal, a brasileira é aquela em que as mulheres têm maior preponderância, representando 62% do total.

De uma forma absolutamente empírica, sem ter consultado nenhum estudo de cariz sociológico, a perceção que tenho é que a imagem dos brasileiros em Portugal passou por várias fases. Na década de 1990, as imigrantes brasileiras eram muito associadas à prostituição, e o caso das prostitutas brasileiras numa cidade do norte de Portugal chegou a fazer capa na revista *Time*, contribuindo ainda mais para esse estereótipo que, como muitas vezes acontece, hiperbolizava uma realidade que existia mas que não era grave. Seguiu-se o fenómeno dos dentistas e jogadores de futebol brasileiros. Sempre uma construção estereotipada, mas partindo de um fundo de verdade. Hoje em dia, esses estereótipos já não são evidentes, por força da convivência com essa e outras comunidades estrangeiras, pelo aumento do nível cultural e da acrescida mundividência da sociedade portuguesa, mas também pela integração desses brasileiros nos mais variados setores de atividade.

Metaxy: *As migrações contemporâneas elevaram o tema da imigração ao centro das questões políticas, económicas, sociais e culturais desse início de século. Como o senhor vê a Europa, e particularmente Portugal, nesse processo?*

Fernando de Souza: Com algum receio, confesso. As migrações, motivadas por questões económicas ou por catástrofes humanitárias, constituem uma realidade inelutável e não vão cessar nem abrandar enquanto os países de origem não forem pacificados e se desenvolverem economicamente. As deslocações são cada vez mais fáceis, e ainda que não fossem, trata-se, em boa parte, de gente desesperada e disposta a arriscar a própria vida para entrar na Europa, não têm nada a perder. Por outro lado, a Europa não tem capacidade para integrar todos os que a procuram, ainda por cima quando as diferenças culturais, linguísticas, religiosas, são tantas e tão evidentes – o que não acontece com os brasileiros.

A solução não pode passar pelo fechamento absoluto de fronteiras, procurando ignorar um problema que não vai terminar, como defende uma certa direita populista, pois tal política só agravará o problema, intensificando a animosidade desses povos. Mas também não pode residir na inépcia que a União Europeia tem demonstrado, sob a capa de um pretense multiculturalismo que não serve os interesses de ninguém, sem uma política equitativa na distribuição de responsabilidades, antes sobrecarregando os países de entrada desses emigrantes. Há que distinguir refugiados de emigrantes económicos, proceder a uma triagem rigorosa, controlar os seus movimentos e integrar aqueles que podem ser efetivamente integrados. E agir nos países de origem.

Não existe uma resposta simples para este problema, mas seja ela qual for, terá de ser dada antes que os populismos ganhem (ainda) mais força, explorando os receios dos eleitores dos seus países, repetindo um caminho já conhecido e que poderá minar irreversivelmente o processo de construção de uma Europa unida e o seu legado multissecular de Humanismo, o qual foi brutalmente desafiado por duas vezes no século XX e que agora arrisca colapsar.

Apesar deste ambiente, Portugal tem resistido relativamente incólume a este movimento, não tanto pelo carácter acolhedor, tolerante e “de brandos costumes” da generalidade dos portugueses, ou pela sua consciência enquanto, ele próprio, um povo de emigrantes, mas mais pela baixa procura que o País tem por parte desses imigrantes, que preferem os países mais ricos, no centro e norte da Europa – boa parte dos refugiados acolhidos em Portugal acabou por sair para outros países. A provar isso mesmo, o único partido assumidamente antiemigração e nacionalista português, o Partido Nacional Renovador, não conseguiu, até à data, eleger um único deputado. Mas claro que a situação pode mudar rapidamente, como as recentes alterações políticas um pouco por toda a Europa têm demonstrado, com a queda dos partidos tradicionais, de centro-esquerda e centro-direita, e a ascensão dos extremismos.

Metaxy: *Há resistências em Portugal quanto à entrada de imigrantes de outras origens culturais? E em relação aos brasileiros? Como Portugal vem lidando com essa questão?*

Fernando de Souza: Como referi, essas resistências, embora existam, são francamente minoritárias, e devem-se menos a diferenças culturais e mais a motivações económicas. A maior resistência prende-se com a questão religiosa, o medo do terrorismo islâmico, e sob esse aspeto, os brasileiros passam incólumes. O preconceito contra o brasileiro não será maior do que o preconceito latente contra o “outro”, partilhe ou não a mesma nacionalidade. De resto, Portugal passa por uma grave crise demográfica e por uma

acentuada diminuição do desemprego, dois fatores que, combinados, atenuam muito essas resistências, pois só a entrada de emigrantes poderá assegurar a substituição de gerações, e há uma menor disputa pelo acesso ao emprego. Há sempre exceções, mas de uma forma geral, hoje não se nota grande preconceito ou resistência face à comunidade brasileira, pela proximidade cultural e linguística e pelo seu histórico de integração em Portugal.

Sites de referência

<http://www.cepese.pt>

<http://www.remessas.cepese.pt/remessas>